

1

P. Bormann, Estado de Sta. Catharina, 16 de Março de 1923

Minha adorada mãe.

Clóvia:

Com a sinceridade só' ter um, coração amante como o meu, com, relação, ao ente amado, imploro a Deus que tu e todos os teus estejam desfructando a mais perfeita felicidade, sibern que não creio que assim possa ser, pois quem como vocês tem pessoas amadas em situação como as em que se acham os teus, não podem estar sinão relativamente felizes. Quanto a mim: nem eu mesmo sei apurar si sou ou não ao menos relativamente feliz, pois a minha alma é um verdadeiro caos em se confundem todos os sentimentos, mas o facto é que intimamente me sinto por um lado um tanto diminuído, apesar de por tão* pequeno pouco ter que diminuir, pois não me sinto bem neste papel de poltrão a que não sei que estranha força me conbena, e que estou representando bem contra meu gosto.

Se um mez exactinho, aqui cheguei, conforme por certo será do teu conhecimento.

(* Perda a cacophonia, portão)

2
pelas 2 cartas que te escrevi, nos primeiros dias que aqui cheguei. Tenho-me dado muito bem com os habitantes do P. Bormann, entre os quaes conto bons camaradas, mas muito mal com o lugar, que é feio e completamente arcaico, ao meu querido torrãozinho (S. Barbara) — lá só verdes covilhas, ar puro, agua esplendida, demonstrações de civilização, estradas de ferro — aqui, só mattas, más ar, peor agua, pravas de atragos, verdadeiros caminhos do inferno, por onde Deus Nosso Senhor não passa nem dormindo, por que se vissem fosse o teria feito meliores — isto com excepção de um esplendida estrada de rodagem, mas por ora ainda em construção —

Depois de mais de 2 mezes recebi ante-hontem 2 cartas de casa que me encheram de alegria, porque eram portadoras de boas noticias, e agora mesmo, a uma hora nem tanto, recebi um telegramma da mamãe, concebido nestes termos: "Não vayas, sob nenhum pretexto. Sobrecos-jula. Imagina, que a poucas horas, man."